

## O “Fazer Jornalístico”: Análise da Abordagem dos 50 Anos da Ditadura Militar pelo Jornal Nacional<sup>1</sup>

Josielle SOARES<sup>2</sup>

Letícia BRITO<sup>3</sup>

Nadja NOBRE<sup>4</sup>

Raissa MÜLLER<sup>5</sup>

Maria OTTONI<sup>6</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### Resumo

O presente artigo é fruto da disciplina Leitura e Produção de Textos I, que foi ministrada pela docente Maria Aparecida Resende Ottoni. Utilizamos os estudos de autores como Vizeu, Wolton e Abramo para analisar como foi a construção da reportagem dos 50 anos do golpe militar pelo Jornal Nacional. Eduardo Bueno, tradutor, escritor e jornalista brasileiro, disse que “um povo que não conhece a sua própria história, está fadado a repeti-la”. Partindo, então, do ideal de retomar a memória neste sentido, é que consideramos os 50 anos do golpe, “comemorados” recentemente, um marco histórico que precisa ser lembrado e contextualizado novamente. Assim, fizemos um estudo tanto dos critérios teóricos presentes na reportagem quanto de como os editores direcionaram a notícia politicamente.

**Palavras-chave:** ditadura militar; jornal nacional; construção da notícia; identidade nacional; análise social.

### Introdução

Nossa análise se baseou no artigo “A Construção Social da Notícia: Um olhar sobre a abordagem do 7 de Setembro no Jornal da Band”, das autoras Danubia Andrade e Simone Martins. Utilizamos os estudos de autores como Vizeu, Wolton e Abramo. Pretendemos, então, analisar como foi a construção da reportagem dos 50 anos do golpe militar pelo

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT de Jornalismo no GP em Telejornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e integrante do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes: Educomunicação da UFU, e-mail: [josi\\_ingrid14@yahoo.com.br](mailto:josi_ingrid14@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFU, e-mail: [leticiafb16@hotmail.com](mailto:leticiafb16@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes: Educomunicação da UFU, e-mail: [nadja-nobre@hotmail.com](mailto:nadja-nobre@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFU, e-mail: [raissajmuller@hotmail.com](mailto:raissajmuller@hotmail.com)

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFU, e-mail: [ottoni.ufu@gmail.com](mailto:ottoni.ufu@gmail.com)

Jornal Nacional: quais foram os critérios de manipulação utilizados, os discursos e intertextualidades presentes, o que foi considerado de mais importante para os editores do jornal nesta reportagem e qual é o real papel do telejornal e da notícia frente à sociedade.

Em memória daqueles que foram vítimas fatais, aos familiares, qualquer um que tenha sofrido abuso e para aqueles que não vivenciaram a Ditadura Militar; para toda a sociedade brasileira lembrar-se de nossa história, que deixou marcas até os dias de hoje. O artigo em questão se faz necessário e foi estruturado nas seguintes partes: Breve histórico do Jornal Nacional e da Ditadura Militar, Discurso e intertextualidade, Notícia: produto e bem público, Critérios de manipulação, Análise dos Dados: como o Jornal Nacional abordou os 50 anos do golpe militar.

### **Breve histórico do Jornal Nacional**

No dia 26 de abril de 1965, foi ao ar, pela primeira vez, a TV Globo do Rio de Janeiro<sup>7</sup>, que representa o início do que hoje é a Rede Globo. Um marco na história da emissora foi a estreia do Jornal Nacional<sup>8</sup>(JN), pois foi o primeiro programa em rede nacional gerado no Rio de Janeiro. Na abertura da primeira transmissão, Hilton Gomes, que apresentava o telejornal junto a Cid Moreira, disse: “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país”. Nessa mesma edição, Delfim Neto, então Ministro da Fazenda, aproveitou a transmissão para tranquilizar a população – vivia-se o Brasil do “milagre econômico”. Vale lembrar que o contexto político nacional do momento era o de uma Ditadura Militar que teve início em 1964 e persistiu até 1985. Segundo Vizeu e Mazzarolo, há uma relação muito próxima entre o Jornal Nacional e o regime de governo da época, pois a transmissão em rede do JN só foi possível graças a investimentos dos “governos’ militares no setor das telecomunicações”. Um jornal em rede, segundo os autores, era de interesse do governo, que queria um País que tivesse “um só rosto, uma só cara”.

Desde sua estreia, grandes coberturas do jornal fizeram história, como a da Guerra do Golfo<sup>9</sup>, Copa do Mundo dos Estados Unidos. Em 1994<sup>10</sup>, e também dos atentados do dia 11 de Setembro no EUA, que rendeu uma indicação ao Prêmio Grammy. Com o tempo, o Jornal Nacional mudou e sua aceitação por parte do público foi sendo consolidada. A prova

---

<sup>7</sup> A TV Globo do Rio de Janeiro foi fundada pelo jornalista e empresário Roberto Marinho.

<sup>8</sup> Atualmente o Jornal Nacional é exibido de segunda a sábado e apresentado, com exceção dos fins de semana, por Renata Vasconcelos e William Bonner.

<sup>9</sup>Pela primeira vez na história, foram transmitidas imagens ao vivo de uma guerra.

<sup>10</sup> A Copa de 1994 foi a primeira a ter uma cobertura ancorada diretamente do país que sediava o mundial.

de que ganhou credibilidade e a confiança do telespectador brasileiro é que se trata do jornal há mais tempo no ar e com maior audiência no Brasil.<sup>11</sup>

Ao passo que apresenta tamanha audiência e alcance nacional, O Jornal Nacional traz para si a responsabilidade de determinar o modo como o Brasil é representado para os próprios brasileiros. A escolha de suas notícias, e o modo como são noticiadas, refletem diretamente na noção que o telespectador tem de Brasil. O processo de reconhecimento e identificação de seu país, ou seja, a construção da identidade nacional dos indivíduos é diretamente influenciada. Nessa perspectiva, analisaremos como a abordagem do Jornal Nacional contribui para que o brasileiro tenha conhecimento do que foi a Ditadura Militar no Brasil e possa, então, construir sua concepção sobre o assunto.

### **Breve histórico da Ditadura Militar**

A Ditadura Militar ocorreu no período de 1964 a 1985. Foram anos terríveis marcados pela repressão, torturas, perseguições políticas, censura à liberdade de pensamento e aos meios de comunicação. 1964 foi um ano de grandes agitações políticas, a sociedade brasileira estava insatisfeita, os movimentos sindicais e populares pressionavam o governo a implementar reformas sociais e econômicas que os beneficiassem. Havia o descontentamento do empresariado e das classes dominantes. Era esse o cenário político quando João Goulart assumiu a presidência. Não foi fácil para Jango, pois no primeiro momento foi estabelecido o regime parlamentarista de governo, somente em 1963 o presidencialismo volta, mas Goulart sofre grandes pressões devido aos boatos que se estabeleceram de que ele daria um golpe comunista. O mundo também passava por grandes agitações: a América Latina, China e Cuba viviam regimes ditatoriais. O temor de que acontecesse o mesmo no Brasil aumentava. Entretanto, os militares e a elite se aproveitaram dos rumores para darem, eles mesmos o golpe militar em 1964, que não encontrou resistências. Os movimentos que ajudaram a depor Goulart foram as elites industriais e agrárias, banqueiros, a Igreja Católica e os próprios militares deram total apoio às Forças Armadas interromperem o governo vigente e estabeleceram a Ditadura Militar.

O período mais tenebroso de toda a Ditadura foi a do militar Costa e Silva, entre 1967 e 1969. Marcado por greves de operários que paralisavam as fábricas em protesto, o “pico” acontece em 1968, quando o governo decreta o Ato Institucional 5 (AI-5), que aposentou juízes, cassou mandatos, acabou com as garantias do habeas-corpus e aumentou

---

<sup>11</sup> Segundo Alfredo Vizeu e Jô Mazzarolo, em “Telejornalismo e Identidade Nacional”.

a repressão militar e policial. Os anos que seguiram foram de perseguição a políticos e artistas; muitos morreram assassinados, outros tiveram que se exilar. As canções populares serviam como uma arma de protesto, na contramão da dura repressão.

Somente em 1974, no governo de Geisel, o militar anuncia a “abertura política lenta, gradual e segura.”<sup>12</sup> As revoltas e manifestações contra a Ditadura se intensificam. Em 1975, o jornalista Vladimir Herzog é assassinado nas dependências do DOI-Codi em São Paulo. Três anos mais tarde o militar Geisel assume a presidência e acaba com o AI-5. Então uma nova abertura para a democracia começa a surgir no Brasil. O governo aprova a lei que restabelece o pluripartidarismo no país. Em 1984, políticos de oposição, artistas, jogadores de futebol e milhões de brasileiros começam o movimento das Diretas Já, que garantiria eleições diretas para presidente – o que não foi aprovado pela Câmara dos Deputados. Tancredo Neves, então deputado, é escolhido como novo presidente pelo Colégio Eleitoral; contudo, adoece e acaba falecendo antes de assumir.

Infelizmente a ditadura no Brasil não foi uma história que está somente nos livros. Aconteceu. Foi real e deixou marcas sociais que refletem ainda hoje. Famílias perderam seus parentes, inúmeros casos de tortura e assassinato estão impunes. Em 2014 completaram-se 50 anos do Golpe Militar e um avanço foi a criação da Comissão Nacional da Verdade, que tem por objetivo investigar casos de violação de direitos humanos ocorridos durante a ditadura. Ela convoca os acusados ou vítimas das violações para prestar depoimentos, mas não pode punir os agressores. Entretanto, a comissão auxilia o poder público nas investigações, além de enviar a órgãos públicos dados relevantes. Portanto, é um assunto que precisa ser discutido e lembrado pela sociedade por meio das mídias que reconstroem os fatos e têm como papel educar, denunciar e resgatar o que de fato aconteceu. Por isso, acreditamos ser extremamente pertinente mostrar como o principal telejornal da televisão brasileira abordou este fato em memória dos 50 anos do golpe.

## **Discurso e intertextualidade**

### **A intertextualidade nos textos jornalísticos**

O termo “intertextualidade” foi criado por Kristeva, segundo a qual, todo texto dialoga com outros textos. Cada um é construído a partir de dizeres de outros anteriores, e assim, nunca é “puro”, ou seja, não “nasce de si mesmo”. A esfera jornalística, ao trabalhar com produção de textos (notícias) a todo o tempo, faz uso frequente de intertextualidade.

---

<sup>6</sup>Extraído de <http://www.suapesquisa.com/ditadura/>.

Além disso, sabemos que não se faz notícia sem fontes. Somente através delas há sustentação. Sejam oficiais, oficiosas, especialistas ou testemunhais, por exemplo. A fala delas dialoga com a notícia. A intertextualidade de conteúdo<sup>13</sup> e explícita<sup>14</sup>, estão muito presentes em nos textos noticiosos.

No entanto, sempre há intenções por trás do que é dito, tanto por parte das fontes quanto por parte do jornalista. Para a produção de sentido e compreensão, não basta identificar a intertextualidade presente no texto: é preciso questionar quais seriam as intenções do locutor, nesse caso o jornalista, em relação à escolha das fontes. Esse questionamento é importante para que a leitura seja crítica diante dos fatos divulgados pela mídia, além da identificação da linha editorial do veículo bem como sua posição ideológica.

### **Diferentes discursos nos textos jornalísticos**

De acordo com Fairclough, discurso é o modo como parte do mundo é representada a partir de uma perspectiva particular. Tal perspectiva é construída pelas relações das pessoas com o mundo e outros indivíduos somadas às suas posições e identidades, tanto pessoal quanto social. Textos são discursos materializados, isto é, o discurso se manifesta através da linguagem do texto<sup>15</sup>. De acordo com Meurer (1997, p.16), “enquanto o texto é uma entidade física, a produção linguística de um ou mais indivíduos, o discurso é o conjunto de princípios, valores e significados ‘por trás’ do texto”.

Textos diferentes que tratam de um mesmo assunto podem empregar discursos diferentes – isso acontece frequentemente, principalmente quando o texto em questão tem caráter jornalístico. A linha editorial e os interesses de cada veículo de comunicação determinam a forma como os fatos são abordados. Alguns discursos predominam, estão mais presentes nas matérias, e a importância que alguns discursos recebem em detrimento de outros mostra qual vertente do fato o jornalista quer deixar em evidência.

### **Notícia: produto e bem público**

Uma das grandes preocupações dos veículos de comunicação é como tratar a notícia em caráter de bem público, mesmo ela sendo um produto, porém, não como outro qualquer.

---

<sup>13</sup> Intertextualidade de conteúdo acontece quando há diálogo entre textos que têm um mesmo assunto como tema e compartilham de uma mesma época e contexto cultural.

<sup>14</sup> A intertextualidade explícita ocorre quando é citada a fonte do intertexto, ou seja, com que texto (e seu respectivo autor) está havendo o diálogo.

<sup>15</sup> BRANDÃO (2009, p. 2-3).

Selecionar os fatos importantes de modo que o telespectador se sinta interessado em assistir, conseqüentemente faz com que a audiência cresça. Fato implícito e que é muito considerado em qualquer empresa jornalística.

Nessa tensão diária, as questões éticas estão sempre presentes. A notícia é um “produto” à venda, mas não um produto como outro qualquer. É através do que está sendo noticiado que as pessoas tomam contato com o mundo que as cerca. A informação ganha uma dimensão central na vida contemporânea. É um bem público. Ciente disso, o jornalista deve tomar todo o cuidado - e essa não é uma tarefa fácil - em não transformar a notícia num espetáculo. [...]

O noticiário televisivo se converteu em um lugar onde se pratica, de uma forma simulada, o exercício democrático das grandes questões sociais. É a “Praça Pública” que converte o exercício da publicização dos fatos como possibilidade da prática da democracia. (VIZEU, 2008, p.1).

Assim, em concordância com o trecho citado acima, a notícia precisa ser tratada de forma que o telespectador tenha condições de fazer uma leitura crítica e refletir acerca do que é apresentado para ele de forma racional, não baseada em um esforço desses meios de produzir um sentimentalismo irracional no receptor. Isto deve ser um compromisso dos meios de comunicação, humanizar as notícias trazendo o mais perto possível da realidade do telespectador. Portanto, é necessário um equilíbrio na espetacularização – um recurso utilizado para captar atenção de quem assiste – entre a informação que auxilia na construção social da realidade.

### **Manipulação: ocultação, sensacionalismo e espetacularização**

No Jornalismo é impossível que o jornalista por si próprio ou o veículo de comunicação sejam imparciais na transmissão de informações, pois segundo Perseu Abramo (2007, p. 26-27), “as definições do que seria “jornalístico” estão fundamentadas em escolhas do jornalista e do órgão ao qual ele pertence, veiculadas a uma certa visão de mundo e linha editorial, entre outros elementos.”, e assuntos como política, economia e religião são exemplos de fatores que determinam essas definições.

Hoje a televisão atinge praticamente todo o território brasileiro e se consolida, ainda, como a principal fonte de entretenimento e informação dos acontecimentos sociais para a maioria da população. O jornalismo possui função de destaque neste contexto, tendo o papel de contribuir, por meio do que veicula, para o resgate da história e da cultura do país.

Para Danubia Andrade e Simone Martins (2007, p.1), “as notícias são como o produto final de um processo complexo que se inicia na seleção sistemática dos acontecimentos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas. Assim, as notícias são produtos sociais que auxiliam na construção da realidade”.

Aqui vemos a mídia como construtora da realidade, por isso ela é capaz de determinar não o que a sociedade deve concluir a respeito de um problema, mas o que a sociedade deveria discutir em cada momento. E quanto menor for o contato das pessoas com determinado acontecimento histórico, maior será a influência dos meios de comunicação em sua interpretação do acontecimento.

Sabendo de tal poder, os meios de comunicação têm usado de muitos recursos de manipulação da informação, como a espetacularização e a omissão, não importando talvez que sejam atentados à veracidade e à ética jornalística. Pedro Gomes (1997) aponta alguns desses recursos que são importantes à reflexão sobre ética e jornalismo:

- A apresentação parcial da verdade: ocultar deliberadamente aspectos da realidade que impedem o indivíduo de apreender a totalidade do que foi apresentado;
- O sensacionalismo: distorcer os fatos mediante a acentuação de aspectos que provocam reações emocionais e não racionais;
- O silêncio: suprimir determinadas informações necessárias na compreensão de uma notícia;
- O engano: quando há um falseamento intencional da realidade.

Além desses recursos, há também a espetacularização da informação, citada anteriormente, que é fazer da informação mais apelativa a fim de que a audiência aumente. Tudo por causa do fator econômico nos telejornais.

O telespectador quer o acontecimento embrulhado em papel de espetáculo e os empresários televisivos vibram graças ao crescimento de audiências que isso lhes proporciona. O controle do número de telespectadores que, em cada minuto, se encontram sintonizados num determinado canal transformou a guerra entre televisões numa guerra, também em tempo real. E é aqui que surge a grande perversão: se em termos de programação se podem fazer guerras de audiências, bastando para isso mudar o produto apresentado, em termos informativos não é bem assim. Sendo a matéria-prima igual em todos os canais — os acontecimentos —, torna-se necessário mostrar diferentes perspectivas desse mesmo assunto: a informação torna-se assim um espetáculo que procura no

sensacionalismo e na rapidez, os ingredientes que fazem subir as audiências, nem que isso seja conseguido à custa de imprecisões. (CANAVILHAS, p. 8).

### **Análise de dados: abordagem dos 50 anos da Ditadura Militar pelo Jornal Nacional**

A reportagem que analisaremos é do Jornal Nacional, da emissora de televisão Globo. Foi ao ar, na edição do dia 31 de março de 2014, exatamente na data em que se “comemorou” os 50 anos do golpe militar. A reportagem durou 7,3 minutos. O enfoque dado foi recontar a situação do Brasil em 1964 (inflação, contenção de gastos), dando ênfase na participação dos Estados Unidos e à pressão que o embaixador americano fez para que o golpe acontecesse. A matéria ressaltou a postura politicamente frágil de Goulart e isto seria um dos motivos que propiciaria os comunistas dominarem a república. A reportagem também afirmou que havia um temor de que Jango desse um golpe de esquerda, pois ele prometeu fazer as chamadas reformas de base e tinha o apoio de movimentos sociais que estavam dispostos a imporem essas mudanças, “na lei ou na marra”. Neste momento da reportagem, fica clara a escolha de palavras feita pelos editores do jornal.

A matéria também tratou as manifestações populares que ocorreram nas ruas como “A marcha da família com Deus pela liberdade”, o que revelava uma insatisfação com o governo atual. Ainda destacou o alerta dos Estados Unidos sobre qualquer tentativa de tomada de poder pelos comunistas; tropas de apoio seriam enviadas (operação Brother Sam) ao Brasil caso isso ocorresse. De modo geral, foi dado enfoque às influências americanas e sobre a tentativa de um possível golpe esquerdista. A economia e o “caos popular nas ruas, manifestações e a propaganda que espalhava o terror comunista”. Foram entrevistadas apenas fontes secundárias e especialistas que não participaram diretamente da ditadura, das torturas e perseguições políticas (não citaram experiências pessoais, apenas narraram os fatos). A exceção foi um ex-presos político, a quem não foi dedicado espaço para o relato de experiências durante a ditadura. É preciso deixar claro que a fala do ex-presos político foi bem ao final da matéria, durando menos de vinte e cinco segundos.

### **Discursos e intertextualidades presentes na reportagem**

Três discursos predominam, indiscutivelmente, a reportagem: o discurso histórico, o político e o econômico. Nela, são ressaltadas as questões da “pré-Ditadura Militar” e aspectos do golpe que levaram ao poder tal regime autoritário. O discurso histórico está



presente em todo o tempo na reportagem, uma vez que ela trata de um momento do passado e que marcou o Brasil. Ele se relaciona constantemente aos discursos político e econômico.

Logo no início da reportagem, a repórter Mônica Sanches fala sobre a economia e política brasileiras na época em que o golpe militar aconteceu: “Era um tempo de turbulências na política e na economia”. O discurso econômico é reforçado pela voz de uma das fontes entrevistadas, o economista Mário Mesquita, que descreve um cenário de crise e “falta de gêneros de primeira necessidade”. Outro momento da reportagem exemplifica esse discurso: quando a repórter conta que a intervenção militar que os Estados Unidos prepararam para apoiar os militares golpistas caso sofressem resistência, apesar de não ter sido utilizada, gerou um gasto de dois milhões e trezentos mil dólares aos EUA que “mandou a conta da operação Brother Sam”, nunca paga pelo Brasil.

Dentro do discurso político presente na reportagem, foram citadas as ideologias comunistas e ditatoriais. A segunda fonte entrevistada, o historiador Carlos Fico, conta sobre os esforços do embaixador norte-americano no Brasil, Lincoln Gordon, para retirar João Goulart do poder, pois considerava que ele daria um golpe e instauraria uma república sindicalista que seria comandada por comunistas. Para reforçar essa ideia de temor ao comunismo, a reportagem faz intertextualidade com um discurso de João Goulart, no qual o então presidente prometeu fazer reformas de base, e recorre a um segundo historiador entrevistado, Jorge Ferreira, segundo o qual “Jango” contou com o apoio de grupos de esquerda. Diante de tantas fontes, e a intertextualidade com suas respectivas falas, apenas um ex- preso político, Cid Benjamin, foi entrevistado, mas não relata as torturas sofridas, apenas mostra indignação à negação de concessão de *habeas corpus* aos presos políticos da época e declara que foi um erro a luta armada da população na tentativa de derrubar a Ditadura. A última fonte é Pedro Dollari, coordenador da Comissão da Verdade, que, na reportagem, não entra em detalhes sobre investigações atuais para identificar torturadores. A fala mostrada se resume a afirmar que “toda sociedade tem direito à memória e à verdade, ou seja, para evitar que haja novamente esse cenário de horror que acabou ocorrendo no Brasil durante tanto tempo”.

A reportagem do Jornal Nacional não se preocupa em retratar com ênfase a rotina de um país que viveu sob uma Ditadura: as torturas, exílios, censura e autoritarismo. Se preocupa muita mais, como vimos a partir da escolha das fontes e dos discursos presentes, em contar como se deu o golpe e sua relação com os Estados Unidos, além de enfatizar o medo do regime comunista naquele contexto de Guerra Fria. Discursos e intertextualidade

são ferramentas utilizadas pelos veículos de comunicação para representar um fato a partir da perspectiva que desejarem e é essa perspectiva que chegará aos telespectadores/ouvintes/leitores. Portanto, a mídia é grande responsável pela forma como a população enxerga determinados assuntos e deve se dar conta disso para não mostrar informações limitadas que não condizem com o todo, como aconteceu na reportagem analisada.

### **Atentados à veracidade: apresentação parcial da verdade, silêncio e engano**

Para fazermos uma análise detalhada de toda a reportagem, além do que já foi dito, precisamos de algumas definições e critérios, já explicados anteriormente. Critérios esses que têm uma forte ligação, pois de alguma forma estão correlacionados. São eles a manipulação através da apresentação parcial da verdade, que se assemelha ao silêncio por ocultar e suprimir informações e aspectos da realidade necessários ao indivíduo para a apreensão e compreensão da totalidade do que foi apresentado, do engano, que consiste no falseamento da realidade, do sensacionalismo, que é a acentuação de aspectos que provocam reações emocionais e da espetacularização, que pode ser encontrada nos efeitos visuais presentes na reportagem, (podendo vir pelo sensacionalismo), que buscam sempre chamar a atenção do telespectador, permitindo-o que veja aquilo de modo diferente.

A apresentação parcial da verdade e o silêncio são de modo geral observados em toda a reportagem, pois o enfoque dado foi quase que unicamente, na história do processo do golpe, de como estava o Brasil economicamente, dos fatos que possibilitaram o acontecimento do golpe, e não na realidade da Ditadura em seus 21 anos, nas sequelas geradas, como as mortes e torturas, consequências da repressão, da censura e do autoritarismo. Além disso, houve um grande foco na participação dos Estados Unidos no golpe, o que não acrescenta muito ao que deveria ser o objetivo da reportagem: o resgate de tudo o que se desencadeou desse período e que formou a história do país. É desnecessário, por exemplo, falar-se do preço da operação Brother Sam, e que o Brasil não pagou essa dívida.

Pudemos perceber que em sua fala: “O temor de que Jango desse um golpe de esquerda aumentou depois do comício de 13 de março no Rio, quando o presidente prometeu fazer as chamadas reformas de base. Ele tinha o apoio de Movimentos Sociais dispostos a impor essas mudanças na lei ou na marra.”, a repórter Mônica Sanches é tendenciosa quanto à ideia de que João Goulart era um político fraco e que poderia abrir

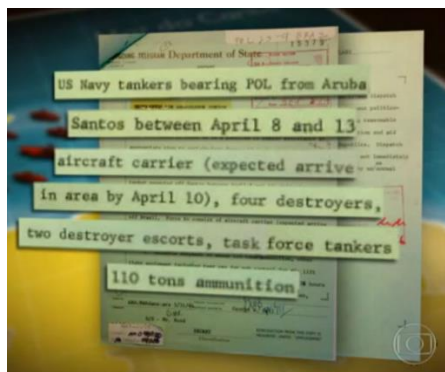
portas para que “os comunistas tomassem o poder”. Aliás, durante toda a reportagem é passada a ideia de que Jango é um político frágil e que seria vulnerável à “dominação dos comunistas”. Aqui vemos um dos critérios selecionados aparecendo: o *engano*, pois há um falseamento da realidade na afirmação de que Jango iria “dar um golpe de esquerda”.

Outro aspecto analisado foram as palavras ditas sobre os atos institucionais. Dos 17 atos, foi delineado apenas o quinto, não ponderando-se detalhadamente sobre a censura e sobre as torturas. Aqui a reportagem poderia expor falas de fontes primárias, fontes que sofreram durante a Ditadura, que é algo extremamente necessário. Não há ética no jornalismo se não há falas de fontes primárias, pois fontes primárias são aquelas que presenciaram os fatos ocorridos, são testemunhas. Um ex-presos político (fonte primária) é fala da reportagem, mas percebemos que as fontes primárias foram limitadas a ele, ou seja, não houve voz alguma na reportagem aos que perderam familiares, ao “povão” que sofreu com todo o processo, por isso a realidade foi apresentada parcialmente, de acordo com os dois primeiros critérios apresentados.

### **Espetacularização e sensacionalismo – efeitos visuais e sonoros.**

A espetacularização é o ato de tornar os fatos noticiados em shows, espetáculos, para justamente chamar a atenção dos telespectadores, e o principal objetivo é gerar audiência com ela. Pode ser obtida por meio do sensacionalismo, que como já citado, é algo que usa de recursos que provoquem nas pessoas uma reação emocional, que por sua vez torna o acontecimento, mesmo que não seja algo de muito destaque e atrativo.

A espetacularização nem sempre é algo negativo (que manipula a notícia), pode ser somente para ilustrar o que é dito ou acentuar algo que realmente precisa ser acentuado, pois se há um foco a ser mostrado, ele precisa ser definido por meio de mais esse critério, por exemplo. Vemos um exemplo da espetacularização “positiva” nesse caso:



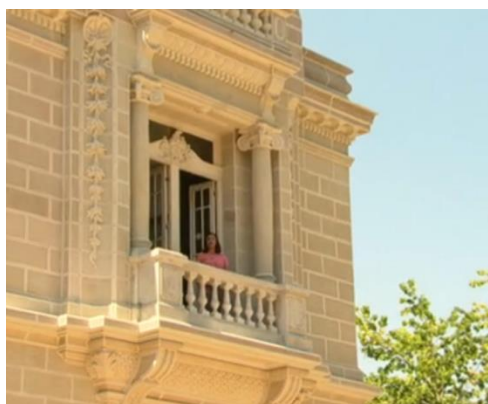
**Imagem 1: demonstração de documento que comprova o que foi afirmado/fonte:  
<http://g1.globo.com/jornal-nacional>**

Na reportagem, há o uso do sensacionalismo como espetacularização para dar ênfase a uma afirmação, que nesse caso, vemos como negativa. O efeito visual utilizado na reportagem enquanto a repórter diz: “na lei ou na marra”, demonstra o objetivo dessa ênfase: impressionar o telespectador quanto à ideia defendida pelos chamados “aliados de Jango”. Também o percebemos no tom de voz da repórter.



**Imagem 2: demonstração da frase enfatizada na reportagem/fonte:**  
**<http://g1.globo.com/jornal-nacional>**

Mais elementos da reportagem demonstram a espetacularização, e um deles é a trilha sonora utilizada em toda ela. Todas as músicas dão a sensação de tensão, de medo, de horror, objetivando-se retratar o “ar da Ditadura”, o ambiente de aflição, desgosto e angústia vivido na época, o que não deixa de comover o telespectador. Outro e o último elemento de análise que será demonstrado aqui é a espetacularização em relação ao local onde está a repórter. Para ilustrar e transmitir a ideia de instantaneidade e veracidade do que é falado, a reportagem nessa parte é conduzida no Palácio Laranjeiras – local onde amanheceu João Goulart em 31 de março de 1964, o “dia do golpe”, como ficou marcado.



**Imagem 3: demonstração da repórter no Palácio Laranjeiras/fonte:**  
**<http://g1.globo.com/jornal-nacional>**

## **Notícia como construtora da identidade nacional**

Concluimos a análise nos dando autoridade para dizer que o Jornal Nacional não conseguiu abordar o tema de maneira que o telespectador se identificasse, se sentisse parte de sua própria história. Como foi explorado neste artigo, as notícias podem contribuir para o resgate da história e cultura de um país. Entretanto, não foi o que ocorreu, o enfoque foi dado mais para os Estados Unidos e aos planos de intervenção no Brasil do que para os brasileiros. O que a sociedade pensava naquela época a respeito da Ditadura? Será que elas imaginavam que o DOI-CODI torturava e matava pessoas? A cultura e arte, como se manifestavam? E o depoimento de quem torturou, será que não teria ninguém que gostaria de contar o que sofreu? E ainda para poder selecionar os fatos que entrariam ou não, vários critérios de manipulação foram utilizados, como já foi citado anteriormente: a ocultação, o engano, os recursos para espetacularizar o fato e o sensacionalismo.

Pela escolha dos fatos que entrariam nesta reportagem não foi levado em consideração o receptor, que ele tivesse um sentimento de pertencimento ao que aconteceu no seu país. A reportagem pareceu algo mais distante do indivíduo. Retratou como se fossem problemas políticos e não trouxe para a sociedade como ela estava. Não houve espaço para esta manifestação. “As relações entre as informações veiculadas pela TV e a atitude da sociedade não podem ser passivas e indiferenciadas. Elas passam a contribuir para a transformação do conhecimento do telespectador enquanto sujeito sociocultural” (WOLTON, 2004).

Muitos aspectos relevantes não entraram na reportagem, o que dificulta o cidadão brasileiro reconhecer-se e se sentir parte. Não houve conscientização sobre o horror da tortura, algo que durou 21 anos. Por fim, a matéria não conseguiu expressar a parte que deveria ter todo o destaque, o brasileiro no contexto da ditadura. Poderia sim contar os fatos históricos, mas excluir os que sofreram e não dar voz aos torturados é uma imensa falha do jornal.

## **Considerações finais**

O processo de construção da notícia em um telejornal é responsável pela criação de sua identidade como produto midiático. É preciso ainda ressaltar que a programação veiculada pela televisão em rede nacional é concebida como uma narrativa e/ou agente unificador da sociedade, e

pode ressaltar – e em alguns casos mesmo resgatar – a cultura das comunidades às quais se destina. (ANDRADE; MARTINS, 2007, p. 13)

Sabendo também dessa importância, o objetivo da análise feita através deste artigo era perceber como a forma de “fazer jornalismo” influencia e compromete a realidade do que é transmitido por meio da mídia, ou seja, a linha editorial de um jornal não é escolhida aleatoriamente. Como já afirmamos, o ato de escolher o que vai ser dito é estabelecer o que é digno de cobertura jornalística quando “o mundo real não se divide entre o que é e o que não digno de cobertura jornalística [...]” (2007, p. 26-27).

Deste modo, ao fim da análise, chegamos à conclusão de que o Jornal Nacional não retratou a Ditadura Militar como ela deveria ser retratada, pois deixou à margem, sua importância enquanto marco histórico e social para o Brasil e não resgatou ou contextualizou a repressão, a censura, e diversos outros aspectos que provocaram o sofrimento de tantos brasileiros com a morte e desaparecimento de familiares, por exemplo. Isso deveria ser feito através de fontes primárias. A reportagem limitou-se a demonstrar apenas uma perspectiva histórica, a não principal para o reconhecimento e identificação a partir da matéria, o processo de como ocorreu o golpe militar com a influência dos Estados Unidos, e por isso distanciou o telespectador – o brasileiro – de sua própria história e vida.

## Referências

ANDRADE, Danubia; MARTINS, Simone. **A construção social da notícia**: Um olhar sobre a abordagem do 7 de setembro no Jornal da Band. São Paulo: 2007.

CANAVILHAS, João. **Televisão**: O domínio da Informação-espetáculo. Portugal. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>

GOMES, Pedro. Comunicação social; filosofia, ética, política. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997.

MAZZAROLO, Jô; VIZEU, Alfredo. Telejornalismo e identidade nacional.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo, audiência e ética. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.html>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/03/golpe-militar-de-1964-completa-50-anos-relembre.html>; acessado em junho de 2014.

<http://www.suapesquisa.com/ditadura/>; acessado em agosto de 2014.